

educando falou em tribo, podemos problematizar que o termo utilizado atualmente seguindo os estudos antropológicos, sociológicos e educacionais é Aldeia Indígena, já que Segundo Ramos (1986. p.10), com a conquista, os europeus, e depois deles as nascentes nacionalidades sul-africanas, passaram a categorizar as populações indígenas: os mansos e os bravos, os Tupi e os “Tapúya”, os selvagens e os civilizados.

Aplicam o conceito de tribo, que sobreviveu na linguagem cotidiana. Morton Fried apud Ramos (1986, p.10) diz que: [...] tribos são entidades criadas pela situação do colonialismo ou de outro tipo de dominação vinda de fora. Resultam do rearranjo das unidades e relações sociopolíticas subsequentes à conquista quer militar, quer política ou econômica [...].

Dessa forma na intervenção seguinte realizamos a dança dos Macacos/Guerreiros, que foi vista pelos educandos nos vídeos. O objetivo da atividade era contextualizar o porquê da dança, ou seja, seu significado seu contexto histórico e também qual era a relação que poderíamos obter da Educação Física na escola. Um dos educandos relacionou a prática realizada com a Educação Física no âmbito do exercício físico, e dessa forma pudemos trazer que a dança realizada havia sim uma relação no contexto do exercício, porém mais que isso, que esta por sua vez tinha uma significação de quem a fazia. Segundo o educador indígena Marcos Karaí, esta dança faz parte da cultura Guarani; faz parte de uma preparação tanto física como mental, sem separar o corpo do pensamento, pois com a preparação de seus praticantes faz com que estes estejam sempre alertas para as dificuldades da mata e da caça.

Para a realização das pinturas corporais foi trazido urucum, que é o fruto do urucuzeiro, e cuja sua substância é tintorial com tom de vermelho. Mostramos alguns desenhos para os educandos e pedimos que estes fizessem em si mesmos, proposta que não teve a aceitação de todos: alguns por que iriam se sujar e outros por não demonstrarem muito interesse pela atividade. No entanto foi muito interessante, pois quando alguns colegas que começaram a se pintar com urucum acabavam sua pintura, iam ajudar outros colegas. Foi então um educando disse: “Nós estamos aprendendo sobre as pinturas indígenas” (educando J.). Com esta fala do educando fizemos a seguinte problematização sobre a atividade: Será que em muitas vezes não realizamos pinturas ou outras atividades sem atribuir significado algum para esta ação?

A partir dessa fala trouxemos para os educandos os significados das pinturas corporais e também das pinturas realizadas nos instrumentos feitos com material alternativo em uma das aulas realizadas, os elementos da cultura Guarani: o significado das pinturas e sua história. Com esta atividade nosso objetivo foi de enfatizar que os Guarani, e até podemos dizer que os indígenas em geral trazem consigo significações e importância em seus atos, tanto nas danças, pinturas, rituais e outros elementos que os caracterizam.

No final da intervenção falamos sobre o pajé que é o líder espiritual da aldeia, considerado como “principal” membro da comunidade e referente ao assunto também relatamos que os mais novos são preparados para assumirem o posto de líderes futuramente, e que neste sentido é que na maturidade, é intensificado o domínio das práticas culturais.

Nesta aula ainda solicitamos para que eles fizessem novamente desenhos ou escritas para confeccionar outro boneco, porém agora este seria sobre o que aprenderam da cultura indígena durante as nossas intervenções. Neste segundo boneco, os educandos, escreverem e desenharam sobre elementos da natureza e as pinturas e seus significados. Com esses dois trabalhos do boneco do conceito, foi possível mostrar aos educandos as mudanças nas suas visões e entendimentos sobre a cultura indígena contextualizando assim a aprendizagem dos conteúdos trabalhados.



Outro momento importante na aula foi à criação do ritmo da música que os educandos montaram. Pedimos para que eles dessem o ritmo de acordo com seu gosto para que assim a música e o seu trabalho de construção e finalização trouxesse prazer a eles quando estivessem tocando. Percebemos que a música contribui para o equilíbrio, expressão, enriquecimento educacional, socialização e desenvolvimento cognitivo das pessoas (MOURÃO e SILVA, 2005, p. 58).

Através desta atividade de finalização da música do grupo, eles puderam entender as relações em que os índios estabelecem com a natureza. A letra que compuseram falava sobre a preservação do ambiente e o nome da tribo deles, e o ritmo usado foi uma “batida” mais atual que é parte da cultura dos educandos.

No ultimo dia foi feita à apresentação da música para outras turmas da instituição que também se apresentaram e, após o término das atividades foi realizada problematização em um âmbito geral sobre os pontos relevantes de nossas intervenções, sempre procurando a participação dos educandos, pois como Paulo Freire (1987, p. 78), nos diz, não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação reflexão.

Um elemento importante no qual podemos analisar se dá no processo de produção do conhecimento dos educandos, onde fica muito mais rico a partir do momento em trabalhamos com a interdisciplinaridade. Pois com um tema de nossa área, trabalhado em conjunto com outras áreas de conhecimento, possibilita-se uma melhor compreensão da importância do fazer, não apenas a atividade proposta, mais sim todo o contexto que a norteia.

Valorizando a interdisciplinaridade e percebendo que esta deve trazer o conhecimento de cada área específica, permitindo as discussões entre diferentes disciplinas e interligando – as, fica notório que em nosso estágio trouxemos vários pontos que demonstram a interdisciplinaridade, pois ao trabalhar com as músicas indígenas, a dança, e as pinturas trouxemos elementos de diferentes áreas, e sempre relacionando com a EF, e algo muito importante que devemos levar em consideração se deu ao trazermos a língua materna dos índios Guarani, e desta forma envolver a questão linguística em nosso trabalho.

Considerações finais

Ao fim deste estágio observamos mudanças no comportamento dos educandos no que diz respeito a um olhar mais crítico em relação à cultura indígena (neste caso Mbyá). Tanto pela significação criada por eles das práticas realizadas, expressando novos conceitos no trabalho do Boneco do Conceito, bem como nos diálogos realizados que ao iniciar o estudo eram poucos, mas no seu decorrer foram ampliados e, o mais importante com maior número de indagações/questionamentos e também na relação com própria Educação Física, onde observou-se que os educandos puderam vela para além do desporto, sem tirar sua importância.

Ressaltamos que o processo de reflexão após nossas intervenções, nos faziam pensar e repensar nossa prática - o que poderíamos melhorar e qual a importância de cada intervenção na vida de cada educando.

Sendo este trabalho/pesquisa um estágio Docente, podemos concluir afirmando que: se pensarmos, refletirmos e sempre reesignificarmos nossas ações docentes, estaremos construindo um profundo diálogo de aprimoramento de nossa atuação a cada dia.

Referências



BRASIL, Secretaria de educação básica. **Programa ética e cidadania: construindo valores na escola e na sociedade: relações étnico-raciais e de gênero.** Ministério da educação, 2007.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais/ Secretaria de educação fundamental.** – Brasília: MEC/SEF, 1998.

CARBONELL, Jaume. **A aventura de inovar: a mudança na escola de aula.** São Paulo: Artmed, 2002

COELHO, Luís Fernando Hering. **Música indígena no mercado: sobre demandas, mensagens e ruídos no (des) encontro intermusical.** Disponível em: <http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/campos/article/view/1640/1382>. Acessado em 25 de abril de 2009.

FUNAI, Fundação Nacional do Índio. **Povos indígenas.** - SEPS Quadra 702/902 Projeção A, Ed. Lex 70.390-025 - Brasília/DF. Ano 2009. Disponível em: <http://www.funai.gov.br>. Acessado em 29/06/2009.

FREIRE P. **Pedagogia do oprimido.** 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra; 1987.

Gil, Antonio Carlos, - 4. ed. - São Paulo: Atlas, 2002

GRANDO, B.S. OLVEIRA, B.M. AGUIAR, E.T. **Os Saberes e Práticas Corporais Indígenas e suas Relações com os Jogos Indígenas.** In: II Seminário Nacional Corpo e Cultura: Políticas e Cotidiano da Formação em Educação Física & Seminário do CBCE, 2009. Disponível em: www.unemat.br. Acessado em: 18/03/2010.

LADEIRA, M.I. **“O Caminhar Sob A Luz”- O território Mbyá a beira do oceano.** São Paulo, 1992. 199p. Dissertação (MS) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

MOURÃO, M. P.; SILVA, L. C. **A prática musical na Educação Infantil enquanto meio de aprendizado e expressão: algumas reflexões.** Ensino em Re-Vista. 13(1):57-66, julho 2004/julho 2005.

RAMOS, Alcida Rita. **Sociedades indígenas.** Series princípios. São Paulo: Editora Ática, 1986.

RIBEIRO, Vania Santos. **Proposta curricular (educação física).** Disponível em: https://www.diaadiaeducacao.sc.gov.br/arquivos_pdfs/PC-SC_Ed_Fisica.pdf. Acessado em: 18/04/2009

RICARDO, Fany Pantaleoni (Coord). **Guarani Mbya.** Disponível em: <http://pib.socioambiental.org/pt/povo/guarani-mbya/1289>. Acessado em: 19/04/2009.



SANTOMÉ, Jurjo Torres. **Globalização e interdisciplinaridade: o currículo integrado.** Porto Alegre: Artmed, 1998.

SANTIN, Silvino. **Educação Física: uma abordagem filosófica da Corporeidade.** 2. ed. Ijuí: Unijuí, 2003.

SILVA, Marise Borba da. **Metodologia para a iniciação a prática da pesquisa e extensão.** In Caderno Pedagógico I; Florianópolis, 2001.

Endereço eletrônico para contato: elitonseara@gmail.com

Recurso: Data Show